

## A memória motora ou ferida de um grupo de trabalhadoras lavadeiras de Salvador- Bahia

### The motor memory or wound of a group of laundry workers from Salvador- Bahia

*Enviado em: 11-10-2023*

*Aceito em: 20-12-2023*

**Leda Maria Fonseca Bazzo<sup>1</sup>**

**José Roberto Severino<sup>2</sup>**

#### Resumo

O objetivo deste artigo é compartilhar o que é a lavagem manual de roupas, ofício desenvolvido por mulheres, trabalhadoras lavadeiras manuais. O método proposto foi uma etnografia da ação, a partir da construção de saberes organizados por oficinas pedagógicas, eventos culturais e artísticos numa lavanderia da cidade de Salvador-Bahia. O artigo se divide em três partes: na primeira buscamos verificar a inserção dessas trabalhadoras lavadeiras manuais na sociedade; - a segunda explica as ações realizadas e na terceira descrevemos, pela fenomenologia hermenêutica da memória, o percebido no campo com o passar dos anos. Constatamos a preponderância da memória motora ou ferida das trabalhadoras lavadeiras manuais, que repete o passado do labor ancestral no presente. Assim, apontamos a necessidade do estado no “dever de memória”, assumindo uma dívida pública com as mulheres, trabalhadoras lavadeiras manuais.

**Palavras chave:** memória; labor ancestral; lavadeiras manuais; reparação.

#### Abstract

The objective of this article is to share what manual washing of clothes is, a clothes is, a craft developed by women, manual washer workers. The proposed method was na ethnography of action, based on the construction ok knowledge organized bu pedagogical workshops, cultural and artistic events in a laundry in the city of Salvador, Bahia. The article is divided into three parts: in the first we seek to verify the insertion manual washewomen workers in society; the second explains the actions carried out and in the third we describe, through the hermeneutic phenomenology of memory,

---

1 Doutorado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, Brasil (2020). Professora Associada I da Universidade Federal da Bahia. E-mail: ledabazzo203@gmail.com

2 Professor associado da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. É pesquisador do Centro de Estudos multidisciplinares em Cultura CULT e do Diversitas/USP. Membro da Cátedra UNESCO de Políticas Culturais e Gestão da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e da da Cátedra Unesco em Fronteiras e Migrações - UFSM. Pesquisador da REC LAC- Rede de Cooperação Acadêmica para o PCI da América Latina e Caribe. Pesquisador do Grupo de Trabalho em Cultura e Políticas Culturais do CLACSO (Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais). E-mail: beto.severino452@gmail.com

what was perceived in the field over the years. We note the preponderance of the motor or injured memory of manual washerwomen workers, which repeats the pas of ancestral work in the presente. Thus, we point out the need for the state to have a “duty of memory”, assuming a public debt with women, manual washer workers.

**Keywords:** memory; ascentral labor; manual washers; repair.

*Se o corpo humano tiver sido afetado uma vez por dois ou mais corpos simultaneamente, assim que a alma imaginar mais tarde um dos dois, ele o fará lembrar-se também dos outros (Espinosa, Ética II, prop.18).*

## Introdução

Estamos certos, escrever a respeito de trabalhadoras lavadeiras manuais (TLMs)<sup>3</sup>, uma profissão em desuso no século XXI pode ser considerado um anacronismo. É deste fenômeno, lavagem manual de roupas, um pouco fora do tempo na relação com a lavagem mecanizada, que pessoas, como as trabalhadoras lavadeiras manuais, são socialmente invisibilizadas numa relação de semelhança com outros labores desenvolvidos pelas mulheres negras, pretas e pardas, a exemplo das marisqueiras, bordadeiras e agricultoras.

As trabalhadoras lavadeiras manuais estão ausentes como profissão pelo Ministério do Trabalho, na classificação brasileira de ocupações CBO. Há a profissão cadastrada sob o nº 5163 de tintureiro, lavadeira e afins, mas no manejo da máquina. Esse ocultamento ocorre também na literatura científica sobre lavadeiras já que os artigos mais recentes anunciam o término da lavagem manual pela introdução das máquinas de lavar de um lado (MEYER, 2016; PASSAURA, 2007) e a imagem da trabalhadora lavadeira cantora do outro, que superou o quadro da vulnerabilidade ao lembrarem seus cânticos antigos de trabalho (ATAÍDE, 2008; PARREIRA, 2010; PASSAURA, 2007; TANAKA SORRENTINO, 2012). Portanto, as lavadeiras atuais tinham desaparecido das pesquisas, como trabalhadoras existentes, ao labor efetivo dessa profissão artesanal.

---

<sup>3</sup>Ao longo deste artigo, utilizamos, na maioria das vezes, a sigla TLMs para tratar das trabalhadoras lavadeiras manuais.

Mas, historicamente, as trabalhadoras lavadeiras manuais já foram bem ativas na reivindicação dos seus direitos trabalhistas até a década de 1980, assegurando, nesse período, uma proteção pela associação das lavadeiras que foi perdendo força até a sua extinção. (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÃO SOCIAL, 1989).

Contudo, no último censo realizado na pesquisa nacional de amostra por domicílios contínuas do IBGE de 2023 no Brasil, o percentual das residências que têm máquina lavar é de 70,2% e somente 41,1% dos lares nordestinos (IBGE,2022), o que significa que mais da metade da população da região lava a roupa à mão ou no tanquinho. Pressupomos, assim, que outra parte significativa da população: 1) lava suas próprias; 2) terceiriza a lavagem das roupas para uma trabalhadora lavadeira ou 3) transporta a roupa para ser lavada numa lavanderia mecanizada.

Na cidade de Salvador, há seis lavanderias comunitárias, na soma de 60 mulheres trabalhadoras lavadeiras manuais cadastradas pelo estado<sup>4</sup>, que ocupam as lavanderias pelo labor da lavagem a ganho. Todavia, sabemos que esse quantitativo é bem maior, pois existe a oferta desse trabalho realizado de forma individual, ocorrendo na própria casa da lavadeira.

No que respeita a rotina do trabalho, as TLMs chegam na lavanderia as 07h e saem às 17h. Elas dividem o labor em dois turnos de manhã lavam e de tarde passam as roupas e aguardam seus clientes para as entregas. O ciclo da lavagem de roupas é extenuante, as TLMs ficam oito horas ou mais em pé (entre lavar e passar roupas). Param às 11:30 para o almoço que ocorre na própria lavanderia e rapidamente retornam ao trabalho.

Todavia, quando estão com as “roupas atrasadas”, podem pular as refeições na intensão de “adiantar as roupas”, o que impacta diretamente na saúde delas. Há queixas frequente de dores gastrointestinais chegando uma lavadeira ter o diagnóstico de anemia grave. E sem conseguir mais trabalhar, ela necessitou equilibrar sua dieta e fazer o tratamento medicamentoso.

---

4 Atualmente, as lavanderias estão sob a tutela da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS órgão pertencente ao Governo do Estado da Bahia). É da responsabilidade do Estado baiano manter as lavanderias, sendo pagas as despesas de água, luz e vigia noturno e sábados e domingos, o período todo.

Das dez TLMs duas são diabéticas e todas elas têm diagnóstico de hipertensão sendo controlada a doença por medicamentos. Há uma lavadeira em tratamento médico por um quadro de depressão que perdura a anos.

A rotina do labor das TLMs, exige o manuseio frequente de produtos químicos como sabões em pó, amaciantes e cloro ativo que afetam de diferentes formas seus corpos.

Elas se queixam de rachaduras nas mãos e nos pés (pois lavam descalças ou de chinelo, estando o chão da lavanderia molhado ao enxaguarem e torcerem os tecidos grandes), dificuldades de visão e problemas respiratórios que podem estar associados ao manuseio dos produtos de limpeza, fundamentais para o “lavar bem”.

A movimentação repetitiva e exaustiva da lavagem faz-se agravante das dores corporais com intensidade nas articulações do corpo. Na fala delas: “ dói, dói, dói! Dói tudo!”. Mas, principalmente, parecem comprometidos os dedos das mãos com relatos de paralisias e dormências frequentes e dores nas pernas e nos joelhos. E para finalizarem a jornada diária de trabalho, é comum a ingestão de analgésicos pela maioria do grupo.

O labor das TLMs nos revela a sociologia do trabalho operando por uma memória social no corpo. Nesse aspecto, é inevitável a relação com os integrantes da escola durkheimiana como Marcel Mauss (1974) e Maurice Halbwachs (1990).

Nessa investida, o labor da lavagem manual ainda vigente é compreendido como memória corporal e singular das TLMs, a partir dos seus ancestrais que lavavam nos elos com os senhores que necessitavam deste serviço mas vinculados a uma memória ampla e histórica- a da sociedade brasileira. Atualizam-se os hábitos culturais e modos antigos de trabalho no país que há por um lado, a ausência de trabalho e por outro, a falta de qualificação formal.

É dessa cultura de legado colonial e escravagista nas mentalidades que, as TLMs parecem ter encontrado um lugar para “ganhar a vida” em meio a falta de emprego e renda. Ou ainda, a história presente se realiza contígua a um

passado no qual os sujeitos estariam, de algum modo, presos a essas estruturas coercitivas do grupo social.

Trata-se de um trabalho, pautado na fenomenologia hermenêutica da memória como forma de descrever o percebido no campo. O principal autor recorrido foi o filósofo Paul Ricoeur no livro *A memória, a história, o esquecimento* (2007), quando arremetida à pergunta central que move o trabalho na busca por responder: o que é a lavagem manual de roupas.

Descrevemos a experiência com as trabalhadoras lavadeiras manuais no invólucro da lavanderia, auxiliada também pela distância temporal por quase três anos desta vivência intensa, onde as memórias ganham contornos e dobras.

Esse artigo tem por objetivo compartilhar o que é a lavagem manual de roupas a partir da experiência em campo com dez mulheres TLMs num período não linear de oito anos. Desta investigação, o trabalho desdobrou-se numa tese de doutorado<sup>5</sup>. Os encontros ocorrem com maior frequência na lavanderia.

### **Contexto metodológico: do ensino à pesquisa e vice-versa**

A ocasião do encontro, entre pesquisadora e as trabalhadoras lavadeiras manuais (TLMs) ocorreu devido às disciplinas de estágios na unidade de saúde de família USF<sup>6</sup>. Dentre as atividades, houve aquela direcionada às TLMs, mais tarde, essas experiências se deram, a partir da feitura de um projeto de tese e sua defesa.

A escolha metodológica foi a etnografia na pesquisa participante, que demandou um retorno aos clássicos, como Malinowski (1976) e, obviamente, seus sucessores, como Geertz (2011), Turner (1979, 2008) e Viveiros de Castro (2002, 2015). Com esses autores, pudemos nos aproximar mais das

---

5 A tese foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia.

6 Mais adiante, seguimos realizando projetos de extensão iniciado em 2012, e que foram construídos em conjunto: trabalhadoras lavadeiras, professora e alunos da graduação de diferentes áreas do conhecimento. Participaram das atividades extensionistas alunos da graduação em fonoaudiologia, fisioterapia, bacharelado interdisciplinar em saúde, humanidades e artes. Além de alunos dos cursos de artes visuais e dança.

trabalhadoras lavadeiras e igualmente no trabalho delas. Assim que houve um momento, que lavei minhas próprias roupas nesta lavanderia. E com o passar do tempo na lavagem recebi elogios de uma lavadeira: “*Tá virando uma lavadeira de mão cheia, viu, fia?*” (Maria, 67 anos). Todo o ciclo do campo me permitiu vivenciar nosso crescimento e mudanças de trabalhos distintos que se aproximam (PORTELLI, 2016).

Iniciamos o contato com as TLMs e o campo no ano de 2012, nesse percurso há “dobras” a partir desta convivência. Num primeiro momento, queríamos intervir nas memórias fortes das TLMs. Dos conceitos correlatos das memórias fortes podemos dizer que é a tradição que perdura no tempo por uma memória genealógica, ou “...é aquela que acompanha as gerações anteriores como uma busca obsessiva da identidade.” (CANDAU, 2014, p. 130). O conceito de memória genealógica conecta-se também à memória motora ou hábito de Bergson (1999) “aquela que age no corpo em sequência ao invés de representar-criar” (grifo nosso) e ao conceito de memória ferida para Ricoeur (2007) como aquela que acontece em decorrência de traumas individuais ou coletivos da relação do homem em sociedade (2007).

No conjunto, todas essas memórias (genealógica, motora/hábito, ferida) se assemelham por tratar-se de um primeiro nível da memória, neste aspecto, a tríade dos autores estão de acordo, para sair desta memória primeira, exige-se um esforço similar à novas aprendizagens para superar os feitos repetitivos, marcados ou pela tradição ou pela ocorrência de traumas individuais ou coletivos. Isso requer novas aprendizagens, ou um esforço de memória passando pelo luto nas intercorrências das lembranças dolorosas, vagas ou mesmo vestígios imprecisos do esquecimento com ou sem o traço (Ricoeur, 2007 p. 101).

Ainda nessa concepção, há a necessidade do trabalho de memória que, passada a fase do luto, tem-se a recompensa de fazer as pazes com objeto de amor perdido, ou ainda: O tempo do luto tem uma relação com a paciência que a análise demanda o respeito da passagem da repetição à lembrança. A lembrança não se refere apenas ao tempo: ela também requer tempo – um tempo de luto (Ricoeur, 2007 p.87).

Nessa empreitada exige-se remanejar o desejo, a imaginação pela distensão do tempo sobreposto passado e futuro operando no presente e estabelecido à máxima aristotélica “a memória é a profundidade do tempo passado”. Foi Santo Agostinho que primeiro montou o conceito do tríplice presente: presente do passado ou memória, presente do presente ou ação e o presente do futuro ou expectativa (Ricoeur, 2007 p.111), na medida que há a capacidade de sonhar, imaginar-se realizando uma algo que ainda não aconteceu. Isso exige sair à busca das lembranças antigas para atingir outros níveis da memória como representação ou imagens (Ricoeur, 2001 p. 109; Bergson, 1999).

Partimos da ideia de composição entre corpos distintos nesta lavanderia, começamos a organizar festas e eventos artísticos que foram sugeridos, ora por elas TLMs, ora por nós, e realizadas em conjunto. A ideia era de criar um “duplo”, ou outra ambivalência nesse ambiente da lavanderia, embasado pelo conceito de profanação proposto por Agamben (2009), intentávamos embaralhar o signo do trabalho de lavadeira, e conseqüentemente da lavanderia como espaço restrito ao desenvolvimento deste labor, produzindo outros fazeres relacionados ou não, ao ambiente original da lavagem.

Nesta intenção, é que foram realizadas diversas atividades na lavadeira como oficinas culturais, artísticas e pedagógicas. O acúmulo deste trabalho, encontra pontos de contato do cotidiano com o extraordinário, mas também do extraordinário com o cotidiano, invertendo e confundindo os símbolos pela metáfora, figura de linguagem da expressão estética/artística, provocando certo estranhamento no familiar, abalando a contigüidade da rotina ou a metonímia do signo (DAWSEY, 2005, 2006).

A partir desta cadeia simbólica, visávamos com os eventos “desestabilizar a matéria” ou os corpos, deixando as identidades mais fluidas. Do trabalho central de Turner (1974), encontra-se a teia dialógica também com Agamben (2007, 2009) e Lyotard (1993), pois os autores verificam a estrutura social, ainda que de modo peculiar, como possíveis apartamentos, ao suscitar desvios pelos rituais, como experiências subjuntivas e híbridas que irrompem no tempo. Assim, para esses autores, os rituais seriam centrais, como

processos em que o homem pode romper a estrutura nas interrupções dos papéis do teatro da vida, como num feito mágico “[...] que move o estranho como familiar e faz do familiar, estranho.” (DAWSEY, 2005, p. 175).

Para Turner (2008), o ritual, ao possibilitar o prazer e relaxamento da estrutura social afixada, confere a essa atividade felicidade e favorece algo qualquer da experiência, como caminho da absorção nas consciências individuais. Na sua teoria, “[...] o prazer transforma-se em assunto sério, no contexto de mudanças inovadoras.” (DAWSEY, 2005, p. 164).

Tratava-se da ideia que, da experiência vivida pelos “rituais” postos na lavanderia e fora dela, como eventos artísticos e culturais, exigiria outras formas de comportamento das trabalhadoras lavadeiras de um lado, e criaria um estoque de outras memórias de outro. Nesse raciocínio, há a ativação pela linguagem e entrada a outras sinapses onde os fluídos elétrico-químico dos neurônios alcançassem a série de axônios e deste código abrissem portais para outros padrões de aprendizados, sintetizados pelos feitos dessa engenharia cerebral, tendo na base a presença de experiências trocadas e vividas em conjunto (VETERE et al., 2019).

Assim que, agora embalados pela neurociência, interessava-nos o acesso à memória episódica, uma das mais veneradas pela capacidade dos humanos, de adensar os três tempos – passado, presente e futuro – pela alça neuronal, essa incrível habilidade presente em alguns, mais que em outros, que faz imaginar um futuro almejado ou a capacidade de viver uma experiência que ainda não existe. Indica a cronologia de armazenamento ou articulação das antigas memórias com as atuais em constante atualização, numa estocagem de memórias, mas que pode demorar para organizarem-se no tempo. Deste modo, há pistas de ser difícil a integração das memórias e que, por vezes, podem não ser totalmente encontradas. (CONWAY, 2009).

Em resumo, a visada era a ampliação do conhecimento de mundo das TLMs, técnica bastante utilizada na minha formação, como fonoaudióloga no contexto clínico, para o desenvolvimento do trabalho cognitivo da linguagem oral, leitura e escrita, em geral com crianças. Estão na base desses



conhecimentos na fonoaudiologia, autores clássicos como Piaget e Vigotsky e os contemporâneos dessas linhas cognitivistas e sociais.

Mas pensar a fonoaudiologia fora do contexto mais controlado, e portanto, mais seguro que é o ambiente clínico, exigiu a procura de novos modos de agir para manejar destas mesmas raízes técnicas, outros conceitos mobilizadores, pois trata-se de diferente espaço (uma lavanderia) e público (trabalhadoras lavadeiras). Houve certo investimento na dimensão de uma clínica ampliada do social, ainda que esse pensamento se configure como lateral neste artigo.

E desta investida, pudemos compreender que, se os artistas, alunos e professores influenciaram, de algum modo, as lavadeiras e seus familiares, houve igualmente o inverso, no exemplo concreto de um grupo de artistas que, embasados na experiência do ocorrido entre os corpos na lavanderia, criaram a peça intitulada “Fulaninhas na lavanderia”<sup>7</sup>.

Apresentando de forma sintética, o percurso do campo ocorreu por saídas e entradas reflexivas no interior de uma etnografia clássica, para outros modos numa participação do estar junto, guinada essa de construção para possíveis outras formas de ser com as TLMs. Esse ser ontológico parte de uma alteridade mas, ao mesmo tempo, constitutivo da nossa subjetividade em contato de uma raiz do ser mulher, habitar a mesma cidade e sobretudo nossa aproximação dada à condição humana de fragilidade no tempo, com a percepção de envelhecermos juntas e as mortes sentidas em conjunto de TLMs mais idosas, guardiã da memória que infelizmente, se foram.

### **As Lavanderias em Salvador e as trabalhadoras lavadeiras manuais– “... à beira do abismo”**

Dessas oito lavanderias existentes até 2018, atualmente há somente seis. A gestora sinalizou, em 2017, que duas lavanderias se encontravam, nas palavras dela, “à beira do abismo” devido à ausência de clientes, deste modo,

---

<sup>7</sup> Foi a partir desse trânsito de artistas na lavanderia que o Grupo X, de dança contemporânea, criou o espetáculo “Fulaninhas na lavanderia” que foi apresentado para as trabalhadoras lavadeiras manuais, mas também levados a espaços convencionais artísticos como o Teatro Castro Alves (TCA).

as trabalhadoras lavadeiras foram, aos poucos, abandonando com muito sofrimento esse local de trabalho.

No contato com a comunidade e com outras mulheres do bairro, pudemos identificar, sem estar à procura, duas outras trabalhadoras lavadeiras que aderem a esse labor, mas lavam nas suas casas. Ambas têm apenas um antigo cliente. Perguntamos, ao consultar nosso grupo, se elas gostariam de *lavar a ganho* na lavanderia.

Isso porque, havíamos entrado em 2019 com apenas seis lavadeiras e, desde quando iniciei, já haviam saído quatro delas. Das dez lavadeiras, quando começamos, uma deixou a lavanderia por ausência de clientes no ano de 2017; outra mudou-se para o interior, acompanhando a família em 2018 e outras duas faleceram em 2015 e 2019 respectivamente. Essas perdas são irreparáveis, eram lavadeiras antigas, guardiãs de uma memória histórica e ávidas nas técnicas narrativas.

Dos corpos em contato pela vivência etnográfica, nas maneiras de receber e devolver imagens produzidas pelas narrativas é que recuperamos a memória desse estar lá, nesse contexto das sonoridades das vozes, o som da água, o cheiro da lavanderia, o barulho da lavagem, as conversas das *cumades*, a entrada e saída de pessoas, alunos, clientes, o campo atravessado pelas subjetividades em contato.

A lavanderia, um lugar protegido e “cheio de água, cheiros, cuidados com a roupa, funciona como um aconchego, como uma mãe, conforme definiu uma das TLMs: “... a lavanderia Leda, é uma mãe pra gente...” (TLM Lina, 69 anos)<sup>8</sup> ou “...” A lavanderia é como se fosse uma família. Construimos aqui amizades, pois passamos a maior parte do nosso tempo aqui” (TLM Olga, 46 anos).

Tem-se na figura abaixo a localização das lavanderias desde quando iniciamos a pesquisa, e aquelas que, no decorrer do estudo, infelizmente, foram desativas.

---

<sup>8</sup> Entrevistas realizadas em agosto de 2015. Para preservar a identidade do local e as identidades das entrevistadas, neste texto, foram atribuídos nomes fictícios às instituições e a todos os entrevistados da pesquisa.



**Figura 1** – Mapa da localização das lavanderias em Salvador, Bahia. **Fonte:** elaborada pela pesquisadora e adaptada por Adriano Soares.

As lavanderias foram construídas em Salvador na segunda metade da década de 1950, logo após a instauração das políticas higienistas, que tiveram por objetivo (dentre outros) tirar a população preta e negra das ruas. É por esse motivo que as lavanderias abrigam as mulheres lavadeiras que exerciam seu ofício nos rios, bicas e fontes da cidade (Nunes Neto, 2005). Seguindo esse raciocínio, atualmente as lavanderias funcionam como um espaço de réplica dessa profissão que foi obliterada do espaço comum, ou das ruas para um local construído e mantido pelo estado, e deste modo, a performance da lavagem continua na reinterpretação memorial histórica.

Nesse cenário, percebemos que as lavanderias são espaços que propiciam a sobrevivência histórica da narrativa das lavadeiras e um dos poucos locais atualmente existentes, senão o único, a possibilitar estudos mais apurados sobre a importância do ofício das lavadeiras no Brasil na passagem entre os séculos e, indiscutivelmente, considera-se neste estudo, as lavanderias como um lugar de memória (Nora, 1993). Trazendo o conceito de “lugar de memória” para o contexto brasileiro, ao pensarmos a lavanderia, percebemos que, esse espaço físico se assemelha mais ao conceito de aquilombamento. Pois apesar das lavanderias serem espaços construídos pelo estado, as TLMs se apropriaram dele para auxiliar umas às outras na busca de

cooperação, solidariedade entre elas a partir de trocas narrativas que constroem e reconstroem suas memórias. (Patrocínio, 2022).

Somando à percepção da nossa convivência por quase uma década, há a aproximação com elos de jogos lúdicos, brincadeiras linguísticas, nos modos da “gaiatice” às trocas de saberes e o interesse mútuo na reciprocidade de desejar o bem, numa preocupação nossa com elas e vice versa. . É assim que emprestamos umas às outras os nossos saberes, transmutando-nos, e nosso grupo compreende essas coisas.

*Você vem aqui e passa seu conhecimento pra gente... E você aprende também com a gente, né, fia? Cada um com seu saber... Tem gente que sabe ler e não sabe as coisas que eu sei (Maria, 71 anos).*

Ouvir as histórias e os diferentes modos de organizar a rotina de trabalho, lazer, cuidados como a saúde, relacionamentos, família são nossos assuntos recorrentes. Do campo turvo das memória, exige a necessidade de treino, de descolonizar-nos, para adentrar em “outros livros” - a vida- das trabalhadoras lavadeiras.

*Minha vida é um livro, minha filha... Um romance... Tantas histórias e aquelas também que já nem me lembro mais... Não era para eu estar mais viva não... Pelo tanto que sofri... ! (Paulínia, 71 anos).*

Nesta compreensão, estamos certos, permanecer com as trabalhadoras as TLMs, é uma forma integrada de aproximação das nossas matrizes híbridas em contato, pertencentes ao povo brasileiro.

Há a verificação de outros modos de existência, no apoio e identificação por fatores que nos unem pela sororidade e numa aposta de uma ressurreição memorial acontecendo.

### **Revisão da literatura: O campo re(visto)**

Do acesso à base de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e entramos com as palavras-chave

“lavadeira” e “lavanderia”. Incluímos na amostra, apenas as *trabalhadoras lavadeiras manuais*, ou os locais onde as máquinas estavam ausentes do ambiente de trabalho, verificamos o montante de quinze trabalhos científicos. Dentre esses trabalhos, estão dissertações, teses, livros e artigos nos quais as trabalhadoras lavadeiras foram estudadas.

Numa primeira reflexão, percebemos as descontinuidades em relação aos períodos das investigações. São quatro as pesquisas que retratam as lavadeiras no final do século XIX, cinco são as pesquisas que as investigaram no século XX e seis foram os trabalhos encontrados sobre as trabalhadoras lavadeiras do século XXI (ainda que não as identificasse como classe).

Nesse primeiro conjunto de trabalhos podemos identificar três modalidades de discursos diferentes sobre elas, a saber: a) figuram como potência cultural ou artistas cantoras ao conseguirem superar, ao longo do tempo, a histórica opressão da categoria; b) foram consideradas mulheres valentes e de posse de uma sensualidade incomum; c) as TLMs estavam ausentes de serem evidenciadas como classe, elas aparecem ao lado de outros segmentos vulneráveis e excluídos por doenças e estigmas sociais.

A experiência no campo com as TLMs revelou-nos a necessidade da abertura discursiva, a esse silenciamento atual, dando passagem à produção da primeira reflexão: da vivência no campo percebemos que as TLMs assim como outros artesãos acumulam os custos desse labor por dores corporais incessantes, utilizam grande do recebido com remédios e tratamentos médicos, o que faz questionar esse ofício, na interface da entrega corporal intensa no trabalho.

É principalmente na sala de passar roupas que ocorrem as narrativas das TLMs marcadas por muitos casos interessantes e modos criativos de organizarem sua rotina de trabalho e os cuidados da casa. Mas há momentos de tensão, por conflitos no ambiente de trabalho como em qualquer ofício que se passam longas horas, todas reunidas, cotidianamente. A discórdia evidente foi a disputa por espaço no ambiente de trabalho e de quem daria as diretrizes da lavanderia.

Todavia, quando na dificuldade financeira, passavam clientes umas às outras e ocorrendo o adoecimento da lavadeira, todas ajudam para que a entrega pontual das roupas não seja comprometida.

Desse espaço familiar de cooperação, é que lembramos dos antepassados das TLMs. Ou dos povos que foram escravizados e deixados à própria sorte depois da sua “libertação”. Sem residência própria, foi comum os escravizados continuarem nas mesmas bases escravocratas (REIS, 1993).

É da associação das TLMs na permanência do código corporal da lavagem manual, ligado ao panorama ativado da repetição antiga do trabalho, feito na época colonial, nos elos dos primórdios da profissão, pelas escravizadas de ganho, que gerações passadas sobrevivem neste feito da lavagem manual, por memórias ancestrais desde o século XVI que operam.

Mas não sejamos ingênuos, é na ambivalência dessas lembranças corporais deste trabalho, que, essas dores da lavagem manual e exemplarmente nesse labor, que encontra espaço de trabalho as mulheres negras. Como uma maneira de re-existência socialmente revigorada, uma categoria trabalhista dada à crueldade do setor de trabalho, onde aponta-se para uma massa de desempregados e sem acesso ao mercado formal.

Longe de ser novidade, a mulher negra é a mais vulnerável às questões de instabilidade no emprego, num quadro desumano que é a exploração da mão de obra na necessidade de formar um exército de desocupados ou subempregados (Gonzalez, 1974).

A população negra está na maior parte das vezes, situada em desemprego aberto, ocupação de “refúgio” em serviço ocasional ou biscate, ocupação intermitente e trabalho por temporada. São maneiras antigas e ativadas de instâncias ideológicas desde o período colonial (Gonzalez, 2020 p.7).

Percebemos na lavanderia, o ato da lavagem manual na repetição do corpo feito uma obsessão motora, onde a própria repetição corporal é ancoradouro da memória ferida significativa da “representação do trauma” (Bergson, 1990; Freud, 1969; Ricoeur, 2007).

De forma resumida, na linha teórica proposta sobretudo por Ricoeur (2017), a repetição motora é o retorno ao evento traumático, que ocorre por instaurar o traço cerebral no sujeito, a fazê-lo agir como um corpo estrangeiro, como um jogo sem interrupção da cadeia simbólica a qual ele revive – o trauma – como uma *performance* que mantém o sintoma. Nesse raciocínio, evidenciamos uma “ruptura do sujeito que o fraciona e faz símbolo no aparelho psíquico” (Freud, 1969).

Dando continuidade dos estudos psicanalíticos, não existe exatamente um diagnóstico do trauma e sim o sintoma como comportamento repetitivo e cíclico, a hiperatividade, o estresse e o sentimento de ser vitimado por uma situação, que são emoções comuns (Green, 2007 p.134).

Nesse contexto, o tempo passa, mas o traço traumático está vivo e se revela pela repetição, essa singularidade que pode ser pensada na perspectiva de um mito, como qualquer coisa que vincula algo que é difícil dizer, mas há um processo em evolução que é ativo como um reflexo de um jogo que ele reencontra e liga o signo traumático na cadeia simbólica (Lahutte, 2011 p.2).

Assim, para Green (2007, p. 133): “[...] o paciente não se lembra de nada do que ele esqueceu e reprimiu, mas ele o atua. Ele o reproduz não como memória, mas como uma ação; ele repete, sem saber, é claro, que está repetindo”. Contudo, o autor nos indica um dado interessante. Nas suas palavras: A repetição não é prejudicial em si. O que é prejudicial é que o paciente parece ignorar totalmente as relações entre os fragmentos repetidos. Eles são postos lado a lado sem qualquer conexão (Green, 2007, p. 134).

É dessa repetição que se monta o conceito de memória ferida em Ricoeur (2007), feita do agir constante e repetitivo do corpo, na ordem do involuntário e relacionada ao choque traumático. Ela pode ser individual ou de um grupo/coletividade. Por isso, é possível falar, em termos analógicos, de “traumatismos coletivos” e de “feridas da memória coletiva”. A noção freudiana de “objeto perdido” pode, portanto, ser estendida às “perdas” coletivas, aquelas que afetam a própria substância do Estado, como o poder, o território, as populações por direitos humanos violados (Ricoeur, 2007 p.92) como no caso da diáspora africana. O adoecimento psíquico durante e pós escravidão é

estudado por autores como (Benvindo, 2003; Barbosa, 2009; Filho, 2005; Geledes, 2016) dentre outros.

Do passo agora, com as intelectuais, mulheres negras, verificamos a trajetória do ser mulher negra, na dura investida da mudança sócio cultural muitas vezes solitária, nos elos com muitos empecilhos como condição imposta à sociedade pelo racismo, machismo, patriarcalismo. Há o encontro com o conceito de interseccionalidade, pois este problematiza os anos seguidos de invisibilidade da mulher negra na sociedade, ocupando posições e categorias inferiorizadas e oprimidas duplamente por um lado por ser mulher e por outro por ser negra (Silva e Menezes, 2020).

Nesse sentido, o trabalho de Conceição Evaristo aponta para o potencial das mulheres negras que, ao relatarem memórias de opressões vividas, revela um contexto perverso da sociedade, mas também indica um caminho para a superação, ao escreverem suas memórias. Muitos dos trabalhos da literata Conceição Evaristo desvelam seu árduo processo de rememoração no duro cotidiano de quando trabalhava com a mãe, a tia e a avó na lavagem de roupas e outros labores domésticos.

A autora supracitada, mediante a essas lembranças dolorosas da sujeição do trabalho subalterno, que retornava à sua memória, utilizou-se como estratégia a escrita. Portanto, da sua experiência surge o conceito “escrevivência”, dando passagem a outras mulheres negras, a escreverem suas lembranças como um portal que ativa a memória do esquecimento.

A escrita, nesse sentido, é uma estratégia de resistência, que comporta a denúncia social pelos direitos humanos violados, mas também, como processo de cura, que da rememoração alcança o trabalho de luto movendo-se da memória ferida.

Percebemos que Conceição Evaristo, e outras mulheres negras como Devis, 1981; Gonzalez, 1979, hooks, 1984, Kilomba, 2019, militantes da igualdade racial, perfizeram o ciclo completo do trabalho de memória ou de luto, ao encontro da potência na máxima da memória do “lembre-se de si” (Ricoeur, 2007), nessa trajetória atingiram a memória feliz.



Paul Ricoeur (2007), conceituou a memória feliz como um caminho exitoso do(a) sujeito(a) que conseguiu pelo processo doloroso da rememoração, fazer as pazes com o seu passado, ultrapassando a memória ferida para seguir adiante.

Retornando ao nosso grupo de TLMs, buscamos realizar oficinas de leitura e escrita, houve interesse na leitura por duas lavadeiras mais antigas. O restante das lavadeiras estava imersa na lavagem de roupas, sem tempo extra para as oficinas. Assim, constatamos com Bosi (1994) e Ricoeur (2007) que memória é trabalho. Produz mal-estar ao trazer à baila acontecimentos e fatos à consciência de algo e, no final dessa empreitada, quando bem-sucedida, “traz-se luz à consciência”.

Nessa empreitada, a direção que leva o sujeito à memória não é linear e, nos estados intermediários, transita entre operadores pouco precisos: rastros caminham como sombras de um passado por lembranças vagas; pode ocorrer nesse trajeto ativo o atordoar da mente e tomar-se uma coisa por outra (Ricoeur, 2007).

As TLMs teriam de sair da primeira fase da memória, conceituada por Ricoeur como evocação, num excesso de memória corporal de um lado, que representa, a bem da verdade, um excesso de esquecimento do outro, agindo como entrave das lembranças perdidas desta importante tradição.

Outra modalidade do esquecimento, é a ausência do traço ou das lembranças. Há a ocorrência do esquecimento também na presença de lembranças muito imprecisas e fugidias que “atordoam o espírito: algo não estava lá mas estive” todas essas esferas do esquecimento são escapes da memória no retorno à ferida ou a afecção (Ricoeur, 2007 p.43).

Por essa reflexão, consubstancia-se como aspectos evidentes do esquecimento, os signos culturais da tradição das lavadeiras “eclipsados, naufragados ou esquecidos” (Gilroy, 2002), a exemplo dos cânticos de trabalho, pois todas elas relataram a experiência de lavar e cantar no rio. Mas atualmente, é difícil as lembranças desses cantos, desativando o funcionamento desses lamentos do labor, simbolizarem algo antigo que passa a ser reintroduzido. Se possível, as lembranças desses cânticos podem

verterem-se em modos renovados da compreensão criativa do grupo, como potência do corpo e da voz pelos cantos (Nietzsche, 2015).

Todavia, há a necessidade de um trabalho de memória intenso para movimentar esses tempos entrelaçados (passado, presente e futuro) pois:

O tempo só é percebido como movimento quando nós o determinamos quando sabemos distinguir dos instantes, um que existe antes e o depois como anterior, o outro como posterior. Neste ponto, a análise do tempo e a análise da memória se sobrepõem (Ricoeur, 2007, p. 35).

É evidente, esse tempo antigo pesado que continua nos corpos das TLMs numa espécie de aprisionamento motor a essa condição, ainda que sob nuances, observamos a influência da estrutura social operando como um marcador no corpo das trabalhadoras lavadeiras (Durkheim, 2014; Mauss, 1974).

Penetramos no convívio com as trabalhadoras lavadeiras numa realidade que parecia corriqueira, mas revela-se um ambiente difuso cercado por muitos símbolos, os mais evidentes são: água, tecidos, sabões, aromas, corpos, narrativas, o subir e descer varais, num reino complexo de coloridas imagens. Todo este conjunto evidencia a vivacidade do cuidado, o capricho da lavagem, mas também, o embate histórico na sobrevivência delas com dores incessantes, e a continuação desse corpo fazedor expresso.

Assim, esse debate, longe de ser hegemônico, solicita também a ultrapassagem dos pesquisadores para novas hermenêuticas. Nesse fluxo, acreditávamos precisar sair na busca ativa de outras histórias, ou das “fissuras” da estrutura das histórias narradas, apropriando-nos das narrativas rasuradas e as valorizando, incluindo a curiosidade deste momento específico, dedicado à lavagem, ao cuidado e sensibilidade com o grupo (Ingold, 2020) que provoca fissuras nas identidades fixas.

Mas essas mesmas fissuras, demandavam do grupo questões a serem refeita, construídas ou reinventadas. Nesse fluxo, houve a solicitação de pausas das atividades lúdica que proporcionávamos. As TLMs alegaram na ocasião, aumento da demanda de trabalho por acúmulo de roupas. A leitura foi que, o campo do trabalho de memória foi ativado, e solicitava procurar imagens e

percepções a serem investigadas, faladas, revividas. Isso aciona nova organização cognitiva pela memória via linguagem oral, contudo, nesse caminho da memória há dificuldades, pois é preciso “aprender o percurso da memória para depois procurar” (Ricoeur, 2007), visto que, a lembrança é antes da recordação e exige um trabalho ativo e muitas vezes doloroso para sair da parte inicial, da memória evocação ou ferida para a memória recordação.

Revisita-se a antropologia cultural numa possível descrição dos modos interpretativos dos sujeitos compreendidos como “[...] amarrados numa trama simbólica e semiótica tecida por signos” (Geertz, 2011, p. 4). Assim percebemos que, a lavagem manual de roupas, é um feito do signo no corpo das lavadeiras e expressa o labor que guarda e conserva uma memória histórica da sobrevivência nesse labor com reciprocidade a uma rede social, e portanto, uma memória social igualmente.

Alertamos para a reflexão desses símbolos corporais perdurando num processo de longa duração no tempo, aciona elos com pessoas entre mudanças e permanências movendo uma engrenagem dessa profissão, na passagem entre os séculos (Elias, 1994).

É assim que a lavagem manual de roupas revela, mas também esconde, os traços da perpetuação do sofrimento pelo trabalho, fazendo laços com a origem dessa profissão. Essa memória motora da repetição são lembranças dolorosas, imprecisas e representativas das réstias de um “passado que não passa”. Ou uma memória tecida da incrustação do passado no presente.

Algo acomodado, a uma memória nutrida do inconsciente que condiciona o movimento, na ambivalência que castiga o corpo, mas também o acalma (Ricoeur, 2007; Gilroy, 2002). Há o funcionamento de uma memória que aparece e desaparece um enigma ou um “fantasma” ou ainda: “... um não saber (presente) do saber (passado)... há algo que acontece: não está lá, mas esteve” (Ricoeur, 2007 p. 36).

É por esse motivo que, o trabalho de memória permanece “nos limites” por obstáculos enfrentados pelas lavadeiras, nesse trajeto ativo do exercício de memória, na reaparição ao reino das lembranças vagas a atordoar o espírito (Ricoeur, 2007 p. 43).

A experiência com as trabalhadoras lavadeiras indica, a direção da memória a um remanejamento exigido pelo esforço das lembranças, numa relação do intelectual com o afetivo a cobrar árduo empenho, na saída da memória afecção para a memória recordação. Essa última, é associada a aspectos *sui generis* para a percepção renovada a emergir a memória potente e criativa, na busca da invenção de uma possível outra história que reconcilia-se com o passado (Bergson, 1990; Ricœur, 2007).

Existe uma linha sequencial da memória corporal, similar a uma coreografia da lavagem de roupa realizada à mão a se arrastar pelos séculos, passando entre as gerações. Há um apagamento pelas trabalhadoras lavadeiras relativo ao início da sua profissão por esquecimentos históricos, na difícil empreitada de conviver em uma estrutura hierárquica solidamente construída e reeditada com muitas iniquidades.

## **Discussão**

Ainda que dentro de uma mesma categoria de trabalho, observa-se a distinção dos grupos (Grosfoguel, 2015). Ressalta-se aqui o das TLMs na qual elencamos dois tipos de categoria observadas, uma fazendo um contraponto com a outra. O primeiro grupo de trabalhadoras lavadeiras movimentando sua tradição a partir da rememoração e orquestradas pela educação popular dos movimentos sociais. Elas acumularam um capital político e conseguiram, pelo trabalho intenso da memória, resgatar a tradição e passaram para uma nova condição social e visibilidade do grande público como artistas cantoras, a exemplo das Lavadeiras de Almenara e das Ganhadeiras de Itapuã. O outro grupo, é aquele que ainda sobrevive da lavagem como principal ferramenta de existência e, neste encontramos muita vulnerabilidade de renda e pouca clientela, que adere aos serviços da mão de obra artesanal da lavagem manual, estando as lavanderias em risco de extinção. Nos centramos nesse segundo grupo, que é a condição da maioria das TLMs ainda existentes no Brasil.

O estudo ocorreu numa lavanderia comunitária dentre as seis ainda existentes, da cidade de Salvador Bahia, naquela ocasião, contamos com a

presença de dez mulheres, trabalhadoras lavadeiras manuais como informantes principais.

Foi percebida a necessidade de descrever essa categoria invisibilizada fazendo um contraponto ao imaginário do senso comum colocado, principalmente pelas mídias como as tevês, os jornais e também os artigos científicos das pesquisas que, influenciam nosso imaginário da existência exclusiva da lavadeira artista.

Verificamos no nosso grupo, alguns aspectos que correspondem aos demais grupos de trabalhadoras lavadeiras retratadas na literatura em épocas remotas por trabalhos historiográficos, assim que, identifica-se também no nosso grupo, a circunstância que faz perdurar características como: mães, arrimo de família, fúria de mulheres incomuns muito por conta de darem cabo a sua existência em meio a muitas opressões sofridas (Nunes Neto, 2005; Santa Bárbara, 2007). Nosso grupo relatou, ainda, sentir estigmas sociais negativos e remete isso ao fato de a divulgação das lavadeiras na mídia sempre aparecer como mulheres briguentas e “barraqueiras” nas telenovelas.

Foi possível observar aspectos estéticos e sensuais presentes no trabalho das lavadeiras, sendo evidenciados entre as mais novas e as mais velhas, também já apontados nos estudos historiográficos de lavadeiras por Herculano (2009) e Klanovicz (2010).

Contraditoriamente, esse mesmo corpo que é emissário de grande sensualidade, de forma paradoxal apresenta muitas vulnerabilidades sociais e de saúde a aparecer, de modo subliminar à categoria das trabalhadoras lavadeiras, a exemplo temos os estudos de Cavalcante (2011), Da Cunha (2010), Pereira (2012) e Saldan (2015). Nessas pesquisas não há referência explícita das trabalhadoras lavadeiras no título dos trabalhos. Foi possível identificá-las dentro de outros grupos estudados e que apresentam suscetibilidades financeiras, doenças psíquicas, nutricionais e sonolência diurna dentre outras. Estas questões foram observadas também no nosso grupo de trabalhadoras lavadeiras ou nos seus familiares próximos, e se mostraram presentes no decorrer do trabalho em campo.

Com relação à cultura histórica das trabalhadoras lavadeiras no cenário da sociedade como figuras importantes a representar a cultura do Brasil, como mostram as pesquisas de Amorin (2001), Ataíde (2008), Parreira (2010), Santos (2011) e Tanaka (2012), no nosso grupo estudado é ausente uma memória que as levem à saída da memória hábito ou ferida quando na observação do empenho duramente da lavagem manual ligada a uma resistência às mudanças propostas.

Daí que percebemos, a necessidade de um trabalho de memória contínuo com o grupo das TLMs, que alegaram, num momento, dificuldades em associar-se ao projeto que solicitava rememorações por um árduo exercício de memória na exigência de tempo para elaboração.

A maioria do nosso grupo de TLMs, revezam a lavagem manual com a função de cuidadoras por questões ocorridas na família, como doenças de parentes próximos ou pessoais, além do volume de trabalho na lavanderia. Esse conjunto de questões, somado à exigência cognitiva do trabalho de memória, deixavam as trabalhadoras lavadeiras mais tensas, havendo resistências em continuar em meio à compulsividade do próprio corpo, que luta na sobrevivência cotidiana.

Teria de haver uma decisão radical das trabalhadoras lavadeiras, similar, a autora Cristiane Sobral em seu belíssimo poema: “Não vou mais lavar pratos/**roupas** ...” (grifo nosso).

Contudo, observamos no nosso grupo de TLMs o corpo orquestrado por um entrelaçamento de forças coercitivas e sociais, ou fiéis a uma determinada hierarquia que, se pensada essencialmente por esses aspectos, compreenderíamos as trabalhadoras lavadeiras como pertencentes a uma fixidez e sem alteração da própria estrutura movente da sociedade, o que parece significar um erro. Todavia, reconhecemos que, mesmo que as formas constitutivas do Estado brasileiro tenham passado por mudanças políticas consideráveis, regendo alterações que dialogam com os cidadãos, há muito ainda para se fazer em relação aos traumas coletivos, que são estados afetivos do corpo angustiantes em que o presente é “parteiro do futuro”, sendo a

militância da ação de descolonizar constante de luta para por um futuro com esperança. (Alves, 2023, p.48).

No caso das trabalhadoras lavadeiras, incomoda verificar aspectos que parecem cristalizados nos corpos a operar como regente de uma condição social e histórica de opressão.

Ainda que se aposte em trocas recíprocas dos indivíduos com a sociedade, há de se reconhecer, em alguns segmentos, barreiras mais sedimentadas e construídas por um histórico de opressão, “a estarem nos limites” (Ricoeur, 2007). Numa permanência que retarda a mobilidade e, assim, elas se perpetuam nessa condição social por um tempo longo na escala das passagens entre os séculos.

Há barreiras para esse corpo operar de outros modos, o que implicaria à ultrapassagem dessa divisão social histórica do trabalho, a partir do gênero, raça e condições sociais. O corpo da lavagem exercitado pela memória hábito, motora ou ferida, explica a dificuldade do exercício de memória que requer a saída do já constituído inconscientemente, e passa a gerar incômodos quase intransponíveis para um feito da ordem do imprevisível a ser procurado ou buscado.

Por esse raciocínio, parece ainda mais urgente a empreitada do trabalho de memória, pois evidencia-se a amálgama ou o entrelaçamento dos níveis hierárquicos da escala social sob muitos aspectos e prismas, feito uma engrenagem corporal consolidada na operação da lavagem que realiza e obedece, de modo inconsciente, às técnicas do corpo apreendidas. Esse corpo de lavadeiras produz as narrativas de muitas gerações anteriores dentro do signo corporal da lavagem manual, ativo como fragmentos que nos faz lembrar, ou melhor, que não nos deixa esquecer, das relações outrora estabelecidas entre os povos escravizados e seus “donos”, que, de certo modo, ainda se faz presente.

Apesar do trabalho de memória não passar por reivindicações do grupo, a partir da presença dos pesquisadores no campo, aponta-se a necessidade de aprofundar o fenômeno do exercício de memória no grupo das TLMs, carente de acervo historiográfico para compor com a história da cultura brasileira.

Levando-se em conta a força de resistência da tradição das TLMs ao lado do desprezo social desse trabalho manual que, aos poucos vai desaparecendo pelo tempo da velocidade do capital, consideramos as lavanderias públicas e comunitárias um espaço propício ao “dever fazer memória” pelo estado, relacionado a uma política que reconhece e assume a dívida social histórica dos traumas individuais e coletivos (Ricoeur, 2007) neste caso dos ancestrais escravizados que, de algum modo, sobrevivem nos corpos das TLMs.

## **Conclusões**

O objetivo central desse trabalho, conforme enunciado na introdução foi descrever o que é a lavagem manual de roupas por um grupo de TLMs. Buscamos por diferentes primas compreender esse labor que inicia-se no Brasil colônia, atravessa os XVII, XVIII, XIX, XX e continua no século XXI. A ausência de estudos atual da categoria de trabalhadora lavadeira manual revelou-nos a necessidade de (re)abrir o debate como mulheres e labor atualmente invisibilizados. E da imersão no campo percebemos uma memória preponderante que opera nos corpos das trabalhadoras lavadeiras, a memória motora/hábito ou ferida na difícil empreitada para outros níveis de memória como a memória recordação na chegada ao reconhecimento, que é a consciência presente de lembranças acumuladas do passado rememorado.

Num primeiro momento, o grupo mostrava-se mais coeso e receptivo à construção de oficinas e eventos como estratégia ensaística para desenvolvermos a plasticidade cerebral e o exercício de memória por aumento dos enunciados, contudo, ao longo do tempo, esse aspecto das lembranças aguçou o campo dos conflitos entre elas. As TLMs alegaram ausência de tempo e dificuldades para a participação das oficinas, com justificativas como doenças pessoais, o cuidado com parentes próximos e o volume de trabalho acumulado por grandes períodos de chuva na cidade.

Compreendemos como dificuldades apresentadas para a participação nas propostas, a compulsividade do próprio corpo que luta e reluta por não relembrar, ao repetir inconscientemente a movimentação da lavagem de roupa



como resistência do trabalho de memória para alcançar outras categorias pela estocagem de lembranças.

A palavra “lavadeira” aciona força imagética carregada ao longo dos séculos e exerce uma relíquia histórica idílica e um pouco nostálgica dessas imagens que permeiam horizontes da cidade, quando havia rios, na possibilidade dessa relação do homem com os recursos naturais à união de forças vivificadas pelos quadros de memória nos elos das palavras literárias que acompanham as imagens numa espécie de ficção das lavadeiras ao tempo histórico dessas lavagens pela recordação saudosista em meio à paisagem das cidades. Por todo esse acúmulo histórico da memória cultural e brasileira das trabalhadoras lavadeiras estamos atentos à noção do crescente debate de patrimônio cultural representativos também, na nossa opinião, das TLMs, visivelmente nos atributos tanto como bem material (as lavanderias) como imaterial (alteridade do saber fazer das TLMs). Acreditamos, todavia, que esse debate deva-se pautar num segundo momento, já que, prezamos nesse artigo, pela visibilidade das memórias feridas das TLMs como categoria de labor que perdura no corpo. Assim, estamos convencidos, da necessidade do estado em reconhecer as TLMs alinhada a política de justiça social, equidade num primeiro momento para o “dever de memória” de um lado, sem desprezar contudo, o potencial para sua patrimonialização de outro.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. dos Santos. Ecos de um colonialismo em chamas: a iconoclastia antirracista em disputa pela memória. **Memória em Rede**. Pelotas, volume 15. n. 29. 2023.

AMORIM, M. O trajeto autobiográfico de Graciliano Ramos. **Romance Notes**, Carolina do Norte, v. 51, p. 343-351, 2011.

AMORIM, M. O trajeto autobiográfico de Graciliano Ramos. **Romance Notes**, Carolina do Norte, v. 51, p. 343-351, 2011.

ATAIDE, S. R. **Confluências do passado e do presente: o resgate da memória em o canto das lavadeiras de Almenara**. 2008. 109 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BARBOSA, Keith. **Doenças e escravidão: novas dimensões da experiência negra no Brasil na primeira metade dos oitocentos**. In: 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil meridional, 2009. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/keithbarbosa.pdf>  
Acesso: 03, ago, 2016.

BENVINDO, Deonício dos Santos. **Negro e Pobre – Sofrimento psíquico advindo do racismo e Representações Sociais**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL (ABRAPSO), 12., 2003. Anais... Porto Alegre, 2003.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAVALCANTE, A. C; SILVA, R. M. Experiências psíquicas de mulheres frequentadoras da rede pública de saúde em Teresina. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 2211-2220, 2011.

CENTRO DE ESTUDOS E AÇÃO SOCIAL. **Lavadeiras: mulheres construindo um movimento**. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 1989.

DA CUNHA, V. O. M. L. Interatividade na correspondência publicada em jornais paulistas. **Forma y Función**, Bogotá, v. 23, p.73-95, 2010.

DAVIS, A. **Women, race and class**. Nova York, Vintage Books, 1981.

DIAS, M. O. L. S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Trad. Edileine Vieira Machado; Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2014 [1895].

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Trad. Edileine Vieira Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

FILHO, José Tiago Reis. **Negritude e sofrimento psíquico**. Programa de Estudos Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-SP, 2005.

FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GELEDES: **Instituto da Mulher negra. População Negra, Racismo e Sofrimento Psíquico**, matéria dia 27, Nov, 2011. Disponível em <http://www.geledes.org.br/populacao-negraracismo-e-sofrimento-psiquico/>  
Acesso: Acesso: 02, ago, 2016.

GILROY, P. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.

GREEN, A. Compulsão à repetição e o princípio de prazer. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 133-141, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n4/v41n4a13.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019

GROSGOUEL, R. El Concepto de “Racismo” en Michal Foucault y Frantz Fanon: ¿Teorizar desde la Zona del Ser o desde la Zona del No-ser? In: OLIVEIRA, M. P.; PEREIRA, M. M. S. (Orgs.). **Subalternidades em Perspectiva: Limites, Ausências e Devires**. Salvador: EDUFBA. 2015.

GONZALEZ, L. **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos na exploração da mulher**. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association. Pittsburgh, abril de 1979.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020. 375 pp.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1990.

HERCULANO, L. A. Vem cá, mulata! **Tempo**, Niterói, v. 13, n. 26, pp. 80-100, 2009.

HOOKS, b.(1984). **Feminist Theory: from Margin to Center**. Boston: South End Press.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano**. RJ: Cobogó, 2019.

KLANOVICZ, F.; ROSAR, L. De Gabriela a Juma: imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, p.141-159, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por amostra em domicílios contínua**. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2022. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf). Acesso em 1 de outubro de 2023.

LAHUTTE, B. O encontro traumático: abaixo e além do evento de Bertrand Lahutte (volume 1, 3, 2013). **Revista Francófona de Stress e Trauma**, Paris, v. 11, n. 4, p. 1-10, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEYER, J. B. R. R. **Lavadeiras vão à luta: organização e atuação da ALARMES na Bahia (1983-2002)**. 83 p. 2016. Dissertação (Mestrado em História) -Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão.

NIETZSCHE, F. W. **Escritos sobre história**. Trad. Noéli Correia de Melo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p.7-28, 1993.

NUNES, N. F. A. **A condição social das lavadeiras em Salvador (1930-1939):quando a história e a literatura se encontram**. 126 p. 2005. Dissertação (Mestrado em História) -Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

PARREIRA, S. R. **Lembranças azuis e um rio vermelho**. 125 f.2010. Dissertação (Mestrado em Processos e Sistemas Visuais, Educação e Visualidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Patrocínio, S. M. (2022). Aquilombamentos éticos e estéticos: uma poética-política no contexto das teatralidades negras. **Aletria: Revista De Estudos De Literatura**, 32(1), 255–276. <https://doi.org/10.35699/2317-2096.2022.35447>

PEREIRA, E. C. A. et al. Prevalência da sonolência diurna excessiva e fatores associados em mulheres de 35 a 49 anos de idade do “Projeto de Saúde de Pindamonhangaba”. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 447-45, 2012.

REIS, J. J. (1993). **A greve negra de 1857 na Bahia**. *Revista USP*, (18), 6-29. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i18p6-29>

RICOEUR, P. **A Memória, a história o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SALDAN, Paula Chuproski et al. Interação nos momentos da alimentação entre mães e crianças desnutridas menores de dois anos. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v. 20, p. 65-74, 2015.

SANTA, B. R. R. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana (1929-1964)**. 128 p. 2007. Dissertação (Mestrado em História) -Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, A. A. O. **José Júlio de Souza Pinto na Bretanha**. Mestrado. PPGHP- U. Porto. Porto, Portugal, 2011.

SILVA, R. A. da; MENEZES, J. A. A interseccionalidade na produção científica brasileira. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 4, p. 1-16, dez. 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082020000400010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000400010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 jun. 2022.

SOUZA, S. B. de. **Epistemologias del Sur**. Mexico: Sigo XXI, 2010.

SOBRAL, C. Não vou mais lavar os pratos. **Cadernos negros 23**: poemas afro-brasileiros, 2000.

TANAKA, S. H. **Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico**. 510 p. 2012. Tese (Doutorado em Música) -Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador.